

Nietzsche: crítica à metafísica como crítica à ideia essencialista sobre gênero.

Júlio César Freitas¹

RESUMO

O objetivo deste texto é analisar as questões de gênero no contexto da obra nietzschiana. Partimos da hipótese segundo a qual a crítica à ideia essencialista sobre gênero e à igualdade entre os sexos, se retiradas do escopo da crítica de Nietzsche à metafísica, tem como consequência a deturpação do projeto cultural-filosófico de Nietzsche, intitulado “transvaloração de todos os valores”.

PALAVRAS-CHAVE

Gênero; Metafísica; Verdade-mulher; Nietzsche.

¹ Graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: cjulio.freitas98@gmail.com. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2331501409468442>.

Nietzsche: critique on metaphysics as a critique to the essentialist idea of gender.

ABSTRACT

The aim of this paper is to analyze gender issues in the context of Nietzsche's work. We start from the hypothesis that the critique of the essentialist idea of gender and gender equality, if removed from the scope of Nietzsche's critique of metaphysics, has as a consequence the distortion of Nietzsche's cultural-philosophical project entitled “revaluation of values”.

KEYWORDS

Gender; Metaphysics; Truth-woman; Nietzsche.

Introdução

Não é novo o incômodo que os escritos de Nietzsche sobre as mulheres provocam em leitores que estejam minimamente sensibilizados com as questões de gênero. A partir desse incômodo, podemos questionar se Nietzsche pode ser considerado misógino e o que está em jogo nos escritos desse filósofo quando aparecem os termos “mulher”, “mulheres” e “feminino”, ou quando se percebe a presença feminina ainda que não sejam citadas diretamente no texto. Há análises de filósofas feministas que apontam para a misoginia de Nietzsche, e há interpretações que compreendem que as imagens das mulheres construídas nos textos do filósofo devem ser incluídas em uma compreensão mais ampla acerca do projeto cultural-filosófico nietzschiano de “transvaloração de todos os valores”. E mesmo reconhecendo a importância de se investigar essa suposta misoginia de Nietzsche, o objetivo deste artigo não é retomar todo esse debate que se tornou profícuo desde o final do século passado, mas avançar em uma discussão que se ancora na interpretação do ‘Nietzsche como pensador da cultura’² e, que, portanto, reconhece as preocupações do filósofo em relação às condições de elaboração da cultura e as estratégias para um refinamento da moral. Deve-se levar em consideração que o período em que se intensificam as interpretações feministas da filosofia de Nietzsche foi o final do século XX, período em que muitas filósofas e filósofos começaram a se dedicar com mais atenção especialmente ao tema do “feminino” nas obras de Nietzsche. A consequência importante desse interesse evidente nas pesquisas Nietzsche foi a intensificação de debates sobre o tema.

Contemporaneamente, Isadora Petry, em seu texto *Supondo que a verdade seja uma mulher: para uma ética da diferença a partir de Nietzsche*, apresenta aspectos fundamentais para a interpretação de que o perspectivismo de Nietzsche, assim como a genealogia, precisam ser levados em consideração para compreendermos as imagens construídas por Nietzsche acerca das mulheres. Penso que essas imagens não servem para determinar o que é “a” mulher, mas sim para Nietzsche fazer seus diagnósticos críticos³. Em vista disso, Isadora Petry amplia o conjunto de interpretações da obra do filósofo alemão, demonstrando em que medida o

² É o que defende, por exemplo, Oswaldo Giacoia no artigo “Nietzsche e o feminino”. Ele argumenta que em *Para Além de Bem e Mal* – obra analisada pelo autor – “Nietzsche coloca o problema do feminino em circuito direto com os temas e problemas fundamentais de sua tentativa de desconstrução da metafísica e de transvaloração de todos os valores” (GIACOA, 2002, p. 10).

³ Segundo Adriana Delbó, no artigo intitulado “Sobre o poder das mulheres no aforismo 68 de *A Gaia Ciência*”, deve-se considerar que os aforismos de Nietzsche “são diagnósticos críticos, com os quais é necessário lidar, na medida em que, mais do que trazer como se deve pensar, os aforismos de Nietzsche denunciam as crenças (e os seus efeitos) em ideias já consagradas” (DELBÓ, 2021, p. 224).

perspectivismo “chamou a atenção de certas filósofas para o seu pensamento” (PETRY, 2019, p. 2). Não obstante, apesar de pouco interessada em apontar uma misoginia em Nietzsche, ela coloca o filósofo sob suspeita quando se trata de pensar a respeito das questões de gênero.

A meu ver, a partir da filosofia de Nietzsche temos a possibilidade de pensar o feminino e o(s) feminismo(s) ultrapassando qualquer categorização de gênero *ideal*. Portanto, considerando esta perspectiva, neste artigo, devemos trilhar um caminho de análise da crítica nietzschiana à ideia essencialista sobre gênero e à igualdade entre os sexos. Examinaremos, primeiramente, (i) o platonismo embutido na “mulher em si”; em seguida, (ii) o antagonismo entre os sexos; e, por fim, (iii) a refutação do platonismo por Nietzsche. O detalhamento desses tópicos está inserido no contexto do exame da origem e invenção do valor atribuído ao feminino na tradição filosófica Antiga e Moderna. Para compreendermos, inicialmente, o que está em jogo na imagem das mulheres apresentadas por Nietzsche, uma espécie de genealogia do feminino precisa ser evocada.

Nietzsche e as mulheres: uma relação ambígua?

No texto de Laura Ferreira dos Santos, *Leituras Feministas de Nietzsche*, a autora destaca a importância da perspectiva genealógica de Nietzsche para as discussões de gênero, argumentando que:

A perspectiva genealógica desenvolvida por Nietzsche, numa inversão radical de todos os valores, facilmente pode ser aproveitado para desmontar os valores patriarcais, ajudando a compreender por que as mulheres acabaram por desenvolver as estratégias denunciadas por Nietzsche e outros. Para além disso, é a própria genealogia do feminismo que pode deste modo ser elaborada ou esboçada, ajudando-o a ter uma consciência mais enriquecida sobre si próprio e os seus impasses. Numa vertente intimamente ligada às anteriores, a ideia de que a verdade é perspectivista será também algo de muito útil a quem quer desmontar a noção de que não só há apenas uma verdade como ela é neutra em termos de gênero, evidenciando-se, assim, uma relação muito forte entre epistemologia e política (SANTOS, 2002, p. 21).

Desse modo, cabe ressaltar a importância do método genealógico para a compreensão dos valores atribuídos às mulheres, na perspectiva da desconstrução de qualquer ideal de “mulher” ou a “mulher em si” que atravessa não apenas toda a tradição filosófica. Mas de modo geral, a cultura suplantada por valores que colonizam o feminino. Então, pelo perspectivismo de Nietzsche – aquele que põe foco em diversos olhares interpretativos –, em seu caráter assistemático, se direciona a discussão sobre gênero para a multiplicidade e a diferença entre

os sexos.⁴ E o que se procura com a genealogia é esclarecer a ideia de “mulher”. Isso implica reconhecer que não há uma ideia fixa sobre a mulher nos escritos de Nietzsche. Como defendido por Adriana Delbó em *Sobre o poder das mulheres no aforismo 68 de A Gaia Ciência*:

Nietzsche não escreve sobre o que é a mulher, ou o que elas devem ser, ou sobre o que ele sente por mulheres. Ele traz concepções, constrói cenas, diálogos, personagens, comparações e contraposições, a fim de deixar ser sentido e percebido o quanto as considerações a respeito de ‘mulher’ podem estar presas a construções baseadas em demandas localizadas em um oposto (DELBÓ, 2021, p. 215).

A autora defende a ideia de que há várias concepções do que seja mulher nos escritos de Nietzsche, mas não há um posicionamento de Nietzsche sobre o que é a mulher. Há concepções, porque há interpretações e designações valorativas sobre o gênero feminino pela cultura masculina. Em síntese, há imagens de mulheres em um jogo de imagens múltiplas, dos valores atribuídos às mulheres ao longo da história. Nesse contexto, julgo que definir o que é a mulher seja justamente a crença a qual Nietzsche pretende desvincular de uma filosofia do devir. Além disso, podemos afirmar que assim como Nietzsche não constrói uma doutrina filosófica, ele também não constrói uma imagem própria sobre as mulheres, mas põe em jogo uma contraposição de imagens. Por exemplo, as que ele descreve como carregadas de dogmatismo, quais sejam: a “mulher em si” e a “mulher científica”. E aquelas que Nietzsche descreve como potencialmente destruidoras do idealismo filosófico: a “verdade mulher” e as “autênticas mulheres”.

Essas imagens são fios condutores que nos encaminham para as críticas nietzschianas à metafísica. A filosofia de Nietzsche aproxima-se muito mais de um experimentalismo filosófico. Caracteriza-se mais como “uma filosofia flutuante”, em que a composição de cada fragmento de seus escritos, quando conjugados, dão os tons à sua complexa filosofia. O próprio perspectivismo de Nietzsche – momento em que vários pontos de vista são levados em conta – dá “vazão a um complexo experimento de alternância e contrastes de pontos de vista, de perspectivas, *perspectivismo*” (VECCHIA, 2014, p. 261). Nas próprias palavras de Nietzsche, em *Humano, demasiado humano*, “Das coisas primeiras e últimas”: “olhamos todas as coisas

⁴ Isadora Petry faz uma profícua discussão acerca dessa ideia de diferença entre os sexos na filosofia de Nietzsche. Ela argumenta que não existe uma oposição necessária entre os sexos, mas sim que existe diferença entre eles: “não seria equivocado dizer que toda sua filosofia [de Nietzsche] diz respeito à possibilidade de pensar a superação de toda e qualquer dicotomia”. Além disso, “a crença nas oposições, seja entre bem e mal, entre masculino e feminino, seria uma crença própria de um modo de pensar metafísico, e predominantemente executado por homens ao longo da história da filosofia ocidental. Mas pensar que não há oposição necessária entre as coisas não é o mesmo que pensar que não há diferenças, pelo contrário” (PETRY, 2019, p. 6).

com a cabeça humana, e é impossível cortar essa cabeça [...]; mas tudo que até hoje tornou para eles [homens] *valiosas, pavorosas, prazerosas* as suposições metafísicas, tudo o que as criou, é paixão, erro e auto-ilusão” (NIETZSCHE, 2005, p. 19). Nessa situação, a crítica radical de Nietzsche à tradição filosófica e à crença na linguagem pode ser estendida ao texto filosófico e ao dogmatismo coalescente a ele. O que se coloca em questão é a neutralidade desse olhar com a cabeça humana. Não pode ser neutro um olhar que avalia, valora, determina e seleciona. Portanto, aqui operam uma vida e uma vontade. Eis a pergunta fundamental de Nietzsche: o que quer a vida que deseja a verdade metafísica? O mesmo deve ser questionado em relação à metafísica acerca das determinações de ‘conceitos’, especificamente quando se trata de pensar o gênero enquanto instrumento utilizado para assegurar a essência do ser: não há uma arbitrariedade nessas determinações, a saber, “homem” ou “mulher”, enquanto categorias tomadas como essência do ser?

Como podemos observar, a partícula “ver”, tradução de “spek”, que na língua alemã compõe a palavra “Perspektivismus”, revela o caráter indoutrinável inaugurado por Nietzsche em sua filosofia:

Uma vez que a própria realidade se perfaz e esvai na dinâmica da afetação, ‘spek’ [ver], [...] revela-se o oposto da doutrina, da redução e fixação do sentido, pois quer justamente (contra) dizer o caráter ‘indoutrinável’ e ‘impronunciável’ da vontade de poder, da vida na aparência. A alternância de vista engendra, portanto, um novo modo de pensamento, de interpretação, que preserva a pluralidade e a complexidade do caráter geral do mundo da vontade de poder, sem reduzi-lo a determinadas categorias (VECCHIA, 2014, p. 262-3).

O perspectivismo radicaliza qualquer confiança a uma doutrina, uma vez que não comporta qualquer ideal de verdade. Não comporta qualquer ideal de ser, ente e essência. E mais, compreendo que não comporta qualquer ideal de gênero. Mas comporta a visão de diferentes formas de ser, pensar e agir. Só há um eterno *continuum* de interpretações⁵, segundo Nietzsche. Sendo a apreensão da totalidade impossível, a única permanência é o *devoir*, o constante vir a ser. Como consequência disso, Nietzsche vai desconstruindo o edifício dogmático criado pela tradição filosófica herdeira do platonismo, o intitulado “mundo verdadeiro”. Nietzsche deixa evidente, no *Crepúsculo dos Ídolos*, “Como o ‘mundo verdadeiro’ por fim se tornou fábula”, que um mundo verdadeiro, prometido ao sábio, ainda que inapreensível, tornou-

⁵ Nas palavras de Rosa Dias: “Os valores não têm uma realidade ontológica – são o resultado de uma produção, de uma criação. Não são fatos, são interpretações introduzidas pelo homem no mundo. O valor não é nem absoluto nem relativo a um absoluto: não há valores eternos: eles estão sempre para ser criados. Não a partir de um começo absoluto (tudo ou nada), mas numa situação histórica em vista de um futuro ignorado” (DIAS, “Nietzsche, vida como obra de arte”, p. 59-60).

se imperativo. E esse imperativo, sintoma de uma vontade de verdade, enraizou-se na filosofia sem que os filósofos reconhecessem os limites da própria razão. Além disso, sem aperceberem-se de que “a verdade”, que sempre foi trabalhada em um registro epistemológico pelo platonismo, é inventada e tem uma motivação moral. Se por um lado, portanto, não há mais mundo verdadeiro, Nietzsche assume que são as interpretações que compõem esse mundo dos valores. Nessa direção, nos escritos nietzschianos, a tradição filosófica é “não mais tomada sob a prerrogativa de qualquer ideal de verdade, seja da correspondência, da adequação ou da certeza, mas somente da pura e insólita aparência” (VECCHIA, 2014, 262).

Considero que o perspectivismo de Nietzsche, em vista disso, contribui para pensarmos o feminino e o(s) feminismo(s) rompendo com a ideia de que o gênero determina a essência do ser. O gênero é uma invenção. Isso implica afirmar que o gênero designa – nomeia –, mas não determina uma propriedade ontológica. Nos próprios escritos de Nietzsche não há uma concepção de gênero, mas ele remete esta categoria a variadas noções. São imagens construídas sobre o gênero feminino que remetem a outras imagens. Não suas, certamente, mas da tradição avaliada por ele. E essas imagens possibilitam uma infinidade de interpretações, porque também dependem de como afetam o leitor, com suas inclinações ou aversões aos temas tratados em cada aforismo. Então é na característica assistemática e antidogmática do *perspektivismus* que reside a potência destruidora do ideal de verdade e da “mulher em si”. Destrói-se o ideal instaurado violentamente pela tradição filosófica masculina.

Essa crença na ficção de um gênero “em si” se caracteriza como um dogmatismo. Lembremos que à custa da negação da vida, do corpo e das paixões se instaurou o “mundo verdadeiro”, que sustenta o idealismo platônico. Não há uma verdade objetiva e independente de uma perspectiva por trás de uma fixação do gênero “em si”. As categorias de gênero não são fixáveis. E isso está pressuposto nas denúncias de Nietzsche, pois elas estão acompanhadas do questionamento sobre quais valores se escondem por trás da verdade objetiva, da “mulher em si”⁶ e a “mulher científica”, isto é, a suposta busca e encontro da essência objetiva do feminino. Suponho que Nietzsche não se referia apenas ao gênero “mulher”. Quando ele utiliza uma imagem das mulheres, o faz para rejeitar “que o conhecimento essencialmente envolve uma

⁶ No aforismo 231 de *Para além de Bem e Mal*, Nietzsche apresenta seu objeto de análise filosófica: “a mulher em si”. Ele insere esse objeto, no aforismo subsequente, no contexto da emancipação feminina desencadeada na Europa em sua época. Além disso, denuncia a destruição da relação privilegiada da mulher não-científica com a “verdade trágica” – registrada fora dos domínios dos “filósofos dogmáticos”. Quando associa a imagem da mulher a uma certa cientificidade, tem como alvo o positivismo e a metafísica. Como veremos, há um valor que se atribui às mulheres. Segundo Scarlett Marton, Nietzsche considera que “enquanto o positivismo erra por ater-se aos fatos, não se dando conta de que a visão que propõe não passa de interpretação, a metafísica peca justamente por ignorar os fatos, postulando a existência de um mundo verdadeiro em detrimento deste que nos encontramos aqui e agora” (MARTON, 2010, p. 166).

forma de objetividade que penetra por trás de todas as aparências subjetivas para revelar como as coisas realmente são, independente de qualquer ponto de vista”⁷ (ANDERSON, 2021, p. 21). Nesse sentido, eis uma das tarefas do projeto genealógico: investigar essa “essência das coisas” e denunciar o posicionamento dogmático dos filósofos metafísicos que, desde Platão, castraram o intelecto ao imaginarem que, na origem, os conceitos fossem destituídos de afetos. A genealogia consolida-se em “uma tentativa de superação da metafísica através da uma história descontínua dos valores morais que investiga tanto a origem – compreendida como nascimento, como invenção – quanto o valor desses valores” (MACHADO, 1999, p. 59). O que significa que, na medida em que critica todo e qualquer ideal, Nietzsche assume a perspectiva de que os valores não têm existência *em si*. Na análise do autor de *Genealogia da Moral*, os valores distanciam-se de uma realidade ontológica, porque nem possuem realidade ontológica, nem pertencem ao campo da objetividade destituída de *pathos* (paixões, afetos). Ao invés disso, são interpretações que têm existência no campo dos afetos.

Compreendo que Nietzsche mobiliza seu perspectivismo para além de uma desconstrução da metafísica, porque apesar de sua filosofia não construir um edifício dogmático, ela constrói um espaço para a multiplicidade de valores. E mais, destina aos sujeitos⁸ a tarefa de criar os seus próprios valores, o que requer o exame dos próprios valores para compreender os modos de sentir, pensar e agir de cada humano. É o que fica claro na seguinte passagem de Zarathustra, “Da superação de si mesmo”: “E quem tem de ser um criador no bem e no mal: em verdade, tem de ser primeiramente um destruidor e despedaçar valores” (NIETZSCHE, 2018, p. 111). Esse exame requer não apenas o respeito aos próprios valores, de um sujeito condicionado a uma vida em grupo, mas antes uma superação constante de si mesmo por meio de uma reavaliação dos próprios valores e dos valores do grupo. Os escritos de Nietzsche, ainda que destinados aos humanos, não são destinados a todos, mas sim àqueles que “têm algo para decidir acerca de sua vida e da sua atitude diante da cultura” (DIAS, 2011, p. 103) Essas são especulações suficientes para reconhecermos, assim como Nietzsche, o platonismo embutido na “mulher em si”.

O platonismo foi a filosofia que identificou o bem e a beleza com a verdade, em oposição ao mundo das aparências. E instaurou a ideia de “bem supremo” e a racionalidade

⁷ Original: “[Nietzsche] bluntly rejects the idea, dominant in philosophy at least since Plato, that knowledge essentially involves a form of objectivity that penetrates behind all subjective appearances to reveal the way things really are, independently of any point of view whatsoever” (ANDERSON, 2021, p. 21).

⁸ Nietzsche rejeita a concepção metafísica de sujeito. Mais referências, verificar verbete “Sujeito (Subjekt)” no *Dicionário Nietzsche*.

como valor superior e, que, por conseguinte, prevalece sobre outros valores⁹. A questão do conhecimento remete à questão da moralidade, porque a confiança na razão é uma perspectiva cheia de intenções morais (MACHADO, 1999, p. 54). Nesses termos, a filosofia criadora da oposição verdade-aparência está cheia de intenções morais. Pois a verdade não existe independente da moral. Há uma articulação entre moral e conhecimento, haja vista que a moral serve de motivação à ordem do conhecimento (MACHADO, 1999, p. 52). Os valores morais são criações humanas que ganharam poder, ou seja, são perspectivas utilizadas para interpretar o mundo. Nesse sentido, apenas existem interpretações morais. Não existe a “verdade em si” e nem “fatos morais”. E, com a genealogia, medimos o poder que a moral adquiriu de determinar o que somos ou o que devemos ser.

No aforismo 96 de *Humano, demasiado humano*, “Costumes e moral”, Nietzsche faz algumas considerações acerca da moral. Vejamos o aforismo:

Ser moral, morigerado, ético, significa prestar obediência a uma lei ou tradição há muito estabelecida. Se alguém se sujeita a ela com dificuldade ou com prazer é indiferente, bastando que o faça. “Bom” é chamado aquele que, após longa hereditariedade e quase por natureza, pratica facilmente e de bom grado o que é moral, conforme seja (por exemplo, exerce a vingança quando exercê-la faz parte do bom costume, como entre os antigos gregos). Ele é denominado bom porque é bom “para algo”; mas como, na mudança dos costumes, a benevolência, a compaixão e similares sempre foram sentidos como “bons para algo”, como úteis, agora sobretudo o benevolente, o prestativo, é chamado de “bom”. Mau é ser “não moral” (imoral), praticar o mau costume, ofender a tradição, seja ela racional ou estúpida; especialmente prejudicar o próximo foi visto nas leis morais das diferentes épocas como nocivo, de modo que hoje a palavra “mau” nos faz pensar sobretudo no dano voluntário ao próximo (NIETZSCHE, 2005, p. 67-8).

Enquanto criação humana, a moral está repleta de objetivos. Ela é estabelecida pela tradição para ser seguida em benefício da própria tradição. Um indivíduo que não segue essas determinações é avaliado como “mau”. Nessa avaliação, que não possui nenhuma neutralidade, o indivíduo “mau” é julgado como “imoral”, porque age com hostilidade em relação aos valores estabelecidos como “bom”. Devemos notar a força que a moral possui de determinar todo o *éthos* da vida gregária. Para Nietzsche, “bom” e “mau” são perspectivas morais. O indivíduo “bom” está a serviço da moral, então ele se sujeita a ela e obedece as leis morais. Entretanto, isso não quer dizer que a moral é boa para aqueles que a seguem. Ela será fundamentalmente

⁹ De acordo com Giacoia: “embalada pela crença na invenção platônica do espírito puro e do Bem em si, a gravidade filosófica, com sua entranhada e atávica condenação da sensibilidade, sempre desvalorizou o que é subjetivo – perspectivismo, como se representasse o grau zero da verdade, isto é, o erro, o engano e a ilusão” (GIACCOIA, 2002, p. 12).

boa para a conservação da própria tradição. O diagnóstico nietzschiano, baseado nas suas análises críticas, confirma que só há valor porque há avaliação e as avaliações estão atreladas a necessidades e perspectivas específicas.

Haja vista que inúmeros valores morais são atribuídos às mulheres, devemos considerar o estudo genealógico para compreender as origens históricas e sociais de tais determinações, assim como de suas intenções morais. Se o platonismo assume a ideia de que existem essências, ele cogitou determinar uma essência feminina? O que esperar de uma cultura masculina? A vazão de sentimentos e de valores apenas de um gênero: o masculino. Da mulher espera-se apenas que seja uma boa esposa, que possa criar a sua prole e se dedicar aos cuidados do lar. Na tradição masculina Antiga e Moderna, todo o reconhecimento moral da mulher depende dessas determinações. Nietzsche compreende que a atitude mais nobre diante da moral é uma atitude soberana para denunciar os efeitos da hegemonia moral, tendo em vista esclarecer o que a moral significa e avaliá-la, de modo que outras perspectivas morais sejam possíveis. Nietzsche tem uma atitude crítica ao enfraquecimento e sacrifício do indivíduo pela moral. Crítica que aponta para a escravização que é subjacente à necessidade de reconhecimento social, porque o indivíduo assujeitado já não cria a si mesmo. Não há espaço nessa moral de rebanho para o vir a ser.

O objetivo de refutação do platonismo segue essa crítica às “leis universais”, que se tornaram hegemônicas ao longo da história. Essa refutação se trata “tanto de inverter quanto superar a oposição de valores por ele criada; tanto afirmar que o mundo sensível é o mundo verdadeiro e o suprassensível o mundo aparente, quanto se insurgir contra a dicotomia de dois mundo e a oposição metafísica entre a verdade – identificada ao bem e à beleza – e a aparência” (MACHADO, 1999, p. 87). Nietzsche critica a pretensa “lei universal” das explicações metafísicas. E reconhece na “verdade” (idealização dos metafísicos), nada além de uma determinação valorativa. A superação da metafísica, segundo o discurso nietzschiano, é um empreendimento que inverte a lógica metafísica e busca superar a dicotomia ‘fenômeno’ e ‘coisa em si’. Além de apontar que “não há interior e exterior no mundo” (NIETZSCHE, 2005, § 15). “Não há oposição necessária entre profundidade e superfície” (PETRY, 2019, p. 5). Foi justamente por acreditarem nessa oposição, que os “filósofos dogmáticos” postularam que cada objeto possui uma essência. Na nossa interpretação, a busca pela “mulher em si” é consequência disso.

No aforismo 1 de *Humano, demasiado humano*, “Química dos conceitos e sentimento”, Nietzsche escreve: “como pode algo se originar do seu oposto, por exemplo, o racional do irracional, o sensível do morto, o lógico do ilógico, a contemplação desinteressada do desejo

cobiçoso, a vida para o próximo do egoísmo, a verdade dos erros?” (NIETZSCHE, 2005, p.15). Aqui o filósofo provoca acidamente a filosofia metafísica. Esse é um exemplo claro da sua crítica-corrosiva à inadequação das dicotomias defendidas pelo platonismo frente a característica primordial das coisas, o devir. Isadora Petry, em *Supondo que a verdade seja uma mulher: para uma ética da diferença a partir de Nietzsche*, argumenta que não é exagero compreender a filosofia Nietzsche como a superação de toda e qualquer dicotomia. Isto inclui, portanto, a dicotomia entre os sexos: o par binário masculino-feminino. A pesquisadora apresenta duas figuras importantes dos escritos do filósofo. Uma delas é Baubo (Iambé) e a outra, Dionísio. Duas divindades gregas que não têm diferenças inatas entre si, mas sim uma relação que ultrapassa qualquer dicotomia de gênero. Quando Baubo é representada nos *Hinos Homéricos à Demeter*, é Dionísio que está nas partes íntimas da deusa, quando ela as mostra para Deméter, com a intenção de ajudar a mãe de Perséfone a enfrentar o luto pela perda da filha para o Hades. Com essa imagem da presença de Dionísio nas partes íntimas de Baubo, Nietzsche pode refutar a lógica binária metafísica que postula uma oposição entre o feminino e o masculino.

A tematização sobre o feminino, na obra de Nietzsche, está em consonância com a crítica à filosofia e o objetivo de desconstrução da metafísica. Sinteticamente, a metáfora de uma “verdade-mulher” é parte do projeto de crítica radical aos ideais. Devemos questionar, a partir dos escritos de Nietzsche, se os *filósofos despertaram de seu sono dogmático*: a filosofia metafísica, em sua ilusória criação dos sistemas dogmáticos e a ilusória crença de acesso a “verdade em si” (a verdade objetiva), condenou a sensibilidade (a aparência), e foi aí que também se distanciou da “verdade-mulher”. A verdade-mulher representa o sensível e as aparências nas cenas criadas por Nietzsche. “A ‘verdade-mulher’ é a potência artística do disfarce, da transformação, da dissimulação” (GIACOIA, 2002, p. 13). Diferentemente da “mulher em si”, a “verdade-mulher” é a grande aposta de Nietzsche para a superação da metafísica. Enquanto a ideia de “mulher” está embutida de platonismo, a “verdade-mulher” representa a radicalização crítica a qualquer ideia essencialista sobre gênero. Mas uma suspeita é lançada quando se trata de uma verdade-mulher:

“Supondo que a verdade seja uma mulher –, como?”, diz Nietzsche “não seria bem fundada a suspeita de que todos os filósofos, na medida em que foram dogmáticos, entenderam pouco de mulheres? De que a terrível seriedade, a desajeitada insistência com que até agora se aproximaram da verdade, foram meios inábeis e impróprios para conquistar uma dama? É certo que ela não se deixou conquistar – e hoje toda espécie de dogmatismo está de braços cruzados, triste e sem ânimo – Se é que ainda está em pé” (PETRY, 2019, p. 2).

A verdade-mulher, aquela coligada aos impulsos, foi enterrada para que a “mulher em si”, a ilusão metafísica, se tornasse imperativo. Quando a filosofia tradicional instituiu sistemas globais para interpretar a natureza e a história, os filósofos acreditaram ter apreendido a verdade em si (GIACOIA, 2002, p. 11). E o que foi esse empreendimento filosófico? A história de um progresso? Ou sintoma de decadência? – Em *Como o “mundo verdadeiro” por fim se tornou fábula*, Nietzsche apresenta o que ele considera “a história de um erro”, a história da filosofia, da criação à abolição do mundo verdadeiro. O que significou a recusa da vida, da natureza, da terra, do mundo, do corpo, dos sentidos e das paixões. Tudo isso foi sacrificado em nome do mundo verdadeiro. Mas “Zaratustra começa!”: é o início da superação da submissão ao mundo verdadeiro.

Conclusão

As imagens das mulheres nos escritos de Nietzsche fazem parte do seu projeto genealógico crítico-perspectivista para uma nova orientação dos valores. Os termos “mulher”, “mulheres” e “feminino” fazem parte dos recursos estilísticos do filósofo que tem como escopo a superação da metafísica e o estímulo a novas formas de interpretar e valorar a vida. A concepção de substância, ente, essência e gênero destituídos de uma raiz afetivo-valorativa é descartada por Nietzsche. Se “a mulher” não existe, seria a influência do platonismo no pensamento Antigo e Moderno sobre o “conceito” das coisas, o maior impedimento à possibilidade de conceber novas perspectivas sobre o gênero e sobre valores avaliados como “mau” por sistemas morais das sociedades. O que está em jogo é a possibilidade de criação de novas perspectivas interpretativas que escapem, por assim dizer, do “é”. Interpretações que escapem das dicotomias bem-mal, masculino-feminino, profundidade-superfície etc. É mediante a “transvaloração de todos os valores” que Nietzsche concebe a ligação entre conhecimento e as perspectivas morais, de tal forma que a tematização sobre o feminino serve de alicerce justamente para rejeitar uma concepção que se considera global e absoluta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, R. Lanier. Friedrich Nietzsche. In: *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*, 2021. Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/archives/win2021/entries/nietzsche/>>. Acesso em: janeiro, 2022.

CONILL, Jesús. *El poder de la mentira. Nietzsche y la política de la transvaloración*. Madrid: Tecnos, 1997.

DELBÓ, A. Sobre o poder das mulheres no aforismo 68 de A Gaia Ciência. *Cadernos de Ética e Filosofia Política*, [S. l.], v. 39, n. 2, 2021, 214-226.

_____. Sobre a utilidade das verdades de Nietzsche a respeito das mulheres. *Modernos & Contemporâneos - International Journal of Philosophy*, Campinas, v. 5, n. 12, 2022, 96-117.

DIAS, Rosa Maria. *Nietzsche, vida como obra de arte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

GEN, Grupo de Estudos Nietzsche. *Dicionário Nietzsche*. Coleção Sendas & Veredas. São Paulo: Edições Loyola.

GIACOIA, O. Nietzsche e o feminino. *Revista Natureza Humana*, [S. l.], v. 4, n. 1, 2002, 9-31.

MACHADO, Roberto. *Nietzsche e a verdade*. 2 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

MARTON, Scarlett. Da realidade ao sonho: Nietzsche e as imagens da mulher (I). *Estudos Nietzsche*. Curitiba, v. 1, n. 1, 2010, 161-179.

NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *Assim falou Zaratustra*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

_____. *Crepúsculo dos ídolos ou como se filosofa com o martelo*. Trad. Jorge Luiz Viesenteiner. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

_____. *Genealogia da moral*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

PETRY, Isadora. *Supondo que a verdade seja uma mulher: para uma ética da diferença a partir de Nietzsche*. 2019. Disponível em: <<https://www.blogs.unicamp.br/openphilosophy/2018/03/08/supondo-que-a-verdade-seja-uma-mulher-para-uma-etica-da-diferenca-a-partir-de-nietzsche/>>. Acesso: outubro, 2021.

SANTOS, Laura Ferreira dos. Leituras feministas de Nietzsche. *Interações*, n. 2, 2002, 11-41.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Trad. Guacira Lopes Louro. Revisão Tomaz Tadeu da Silva. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 20, n. 2, 1995, 71-99.

VECCHIA, Ricardo B. Dalla. *O(s) perspectivismo(s) de Nietzsche*. Campinas, SP. 315 p. Tese (doutorado). Universidade Estadual de Campinas, 2014.